

A poda (limpa) do olival tradicional

A poda do olival é uma prática ancestral, ainda que a forma de intervir nas árvores tenha evoluído ao longo dos tempos e varie substancialmente entre diferentes regiões produtoras. Apesar da poda ser uma prática generalizada entre olivicultores nem sempre se sabe muito bem porque se poda e, frequentemente, discute-se e duvida-se da melhor forma de podar. Tende ainda a avaliar-se a qualidade do podador pela estética com que deixa a árvore, tal como acontece com os podadores de árvores e arbustos ornamentais dos jardins públicos e privados. Aliás, a poda foi no passado um trabalho especializado, só executada por trabalhadores experimentados. Este aspeto tem perdido significado pela extrema falta de mão-de-obra no meio rural que obriga a que todas as mãos disponíveis possam ser chamadas a podar de forma mais ou menos independente da sua experiência.

Com este trabalho pretende-se fundamentar a poda do olival, designadamente esclarecer os objetivos da poda e as consequências que dela podem resultar. O ato de podar, em si, compreende um segundo componente, que consiste na disponibilidade e destreza físicas para a executar. Assim, um podador deveria reunir as duas competências referidas anteriormente (conhecimento e destreza), coisa que nem sempre acontece, quer por falta de um ou de outro dos componentes. Estes textos, como é óbvio, podem auxiliar apenas no primeiro componente, isto é, ajudar a perceber os fundamentos teóricos que devem ser tidos em conta na poda do olival tradicional. O segundo componente, relacionado com a destreza do podador, adquire-se no olival executando a tarefa. Estes textos são orientados para regiões em que a poda é ainda uma atividade manual, efetuada com tesouras, foices, serrotes e motosserras. Apesar dos princípios teóricos da poda serem os mesmos, excluem-se deste trabalho considerações sobre poda mecânica em olival tradicional.

Fundamentos teóricos da poda

Todas as árvores no seu ambiente natural vivem saudáveis e são produtivas sem poda (Imagem 1). As oliveiras, por seu lado, quando são abandonadas perdem potencial produtivo e ficam envelhecidas muito rapidamente (Imagens 2 e 3). Contudo, o que leva à perda de produtividade e ao envelhecimento das árvores não é a falta de poda mas mais a invasão do solo por infestantes herbáceas e arbustivas, que competem com a oliveira pela



Imagem 1. As árvores sem intervenção do homem adaptam-se ao seu ambiente natural de forma a maximizar o uso dos recursos disponíveis (radiação, água, nutrientes) na produção de sementes.

água e pelos nutrientes, e a falta de fertilização. Se um olival deixasse de ser podado mas continuasse a ter os restantes cuidados culturais (controlo das infestantes, fertilização, ...) provavelmente não se registava perda de produtividade.



Imagens 2 e 3. Árvores abandonadas perdem o potencial produtivo sobretudo pela competição pelos recursos exercida pela infestação herbácea e arbustiva.

Quando se poda uma árvore remove-se uma parte mais ou menos significativa da rama, dependendo da intensidade da poda. A rama, mais concretamente as folhas, constituem-se como o principal local de reserva dos fotoassimilados (reserva energética) da planta. As folhas representam também o aparato fotossintético das árvores, isto é, o local onde mais fotoassimilados são produzidos. Assim, podar significa, numa primeira análise, retirar reservas energéticas armazenadas na planta e limitar a sua capacidade em elaborar mais. Esta é a base do raciocínio que se deve efetuar antes de podar.

Pode conduzir-se um olival sem poda?

Em teoria, se um olival for mantido em boas condições de cultivo (gestão do solo, fertilização, controlo sanitário) manterá intato todo o seu potencial produtivo mesmo não sendo podado. Sem poda, a árvore adapta a sua copa, volume e forma, aos recursos disponíveis no meio (radiação solar, água, nutrientes), de forma a maximizar a conversão desses recursos em frutos. Árvores não podadas apresentariam uma forma e um volume de copa muito diferente do que estamos habituados a ver nos nossos olivais. É, aliás, a alteração da forma e volume da copa das árvores não podadas e os inconvenientes que daí resultam que inviabiliza a possibilidade de manter o olival sem poda e não tanto aspetos relacionados com o seu potencial de produção.

O que justifica a poda das oliveiras?

Mesmo que a poda não permita aumentar o potencial de produção de azeitona há um forte número de razões para se podar.

Poda-se para formar a árvore. A poda de formação é uma etapa muito importante. Com a poda de formação consegue-se definir a estrutura básica da planta (número de troncos, altura das pernadas, número de pernadas, etc.). No presente, as árvores de um olival tradicional devem ser formadas em tronco único, direito e com uma altura às primeiras pernadas nunca inferior a 1 m. Uma árvore com estas características é a que torna a colheita com vibrador de tronco e aparafritos mais eficiente e, de uma maneira geral, a que facilita a circulação de máquinas e equipamentos no olival. Assim, é necessário podar para formar a árvore (Imagens 4 e 5).

Poda-se para facilitar a colheita. A formação de um tronco alto e direito, como se referiu anteriormente, é determinante na colheita com equipamentos de vibração do tronco. O número de árvores vibradas na unidade de tempo aumenta significativamente com a simpli-



Imagens 4 e 5. Árvore formada em tronco único e direito para favorecer a colheita com vibração de troncos e a passagem de equipamentos agrícolas (esquerda) e outra formada sem se ter em conta aqueles critérios (direita).

cidade das manobras. A altura da árvore também tem de ser reduzida, quer se efetue vareja tradicional com vara, quer se usem vibradores de dorso ou mesmo os vibradores de tronco operados com trator. No presente, deve evitar-se por todos os meios que um trabalhador tenha necessidade de subir a uma árvore para derrubar os frutos. A copa da árvore tem de ser suficientemente baixa para que todo o trabalho seja efetuado com eficiência a partir do solo. O tempo gasto e os custos associados à mão-de-obra obrigam a que a operação tenha de ser feita com a máxima eficiência.

Poda-se para facilitar a poda dos anos seguintes. A poda é também um trabalho dispendioso, devendo ser simplificado ao máximo. Se for mantida uma estrutura de copa baixa, nos anos seguintes a poda fica mais facilitada. Tal como na colheita, o trabalho de poda deve ser efetuado a partir do solo.

Poda-se para permitir a transitabilidade das máquinas. Este aspeto depende da técnica cultural implementada no olival. Se alguma das práticas culturais em curso no olival obrigar à aproximação do trator ou outros equipamentos à árvore, as pernadas principais e, de uma maneira geral, a rama têm de subir proporcionalmente em altura (Imagem 6).



Imagem 6. Algumas operações culturais necessitam da aproximação do trator e dos equipamentos à árvore. A poda nem sempre tem estes aspetos em conta.

Poda-se para atenuar a contra safra. A oliveira tem uma elevada capacidade de produzir flores e frutos. Em determinados anos a carga de frutos pode ser tão elevada que o crescimento vegetativo de novos ramos é insignificante. Na prática, face a uma elevada carga de frutos, a árvore canaliza todos os fotoassimilados (energia) para eles em detrimento do desenvolvimento de nova rama. No ano seguinte a floração é reduzida e regista-se, por certo, uma má colheita. Este fenómeno é designado de alternância ou safra e contra safra da oliveira. Se através da poda for possível regular anualmente a quantidade de rama presente, em vez de anos de elevada produção seguida de anos de produção muito baixa podem registar-se produções médias mais equilibradas entre anos agrícolas.

Poda-se para regular o calibre. Em fruticultura, a poda é um instrumento importante para regular o calibre dos frutos. Quando uma árvore apresenta um elevado número de frutos, estes tendem a ficar mais pequenos,

porque os recursos fotossintéticos da árvore são distribuídos por um maior número de frutos. Regulando a quantidade de rama persistente evitam-se situações de um excessivo número de frutos que possam prejudicar o seu calibre. O calibre da azeitona não tem qualquer significado para os olivicultores que destinam a sua colheita à produção de azeite mas pode ter grande importância para os produtores de azeitona de mesa.

Poda-se para melhorar o arejamento e a exposição solar da rama. Uma copa aberta no seu interior recebe mais radiação ao nível das folhas individuais podendo melhorar a sua performance fotossintética. Por outro lado, copas mais abertas ficam mais arejadas, com condições menos favoráveis à proliferação de pragas e doenças. Assim, a poda pode ajudar a maximizar a exposição das folhas à luz aumentando a atividade fotossintética e reduzindo a incidência de pragas e doenças.

Poda-se para rejuvenescer as árvores. Por vezes em olivais envelhecidos ou após danos causados por acidentes meteorológicos como as geadas poda-se para renovar a árvore. Contudo, esta poda de rejuvenescimento raramente se justifica (Imagem 7). Quando uma árvore necessita do corte de uma perna principal, por exemplo, a rama restante da árvore não deve ser tocada para não se reduzir de forma excessiva a capacidade fotossintética da árvore. Podem ser exceção situações



Imagem 7. O rejuvenescimento das árvores deve ser um processo sempre que possível gradual e não efetuado de forma drástica.

de olivais que foram abandonados durante vários anos e que depois se tentam trazer de novo para o cultivo. Por vezes, acidentes meteorológicos como as geadas destroem grande parte dos tecidos das plantas, como aconteceu no outono de 2007 em Trás-os-Montes. Quando a árvore perde rama devido a um acidente meteorológico, seria prudente deixar intocada toda a rama que não foi afetada. Todas as folhas que restam na árvore são determinantes no processo fotossintético para que a árvore tenha uma recuperação rápida e reponha o seu potencial produtivo. Só após a árvore ter recuperado o aparato fotossintético (rama) original deverá ser podada, removendo-se a rama danificada. Em 2007 muitos olivicultores transmontanos reagiram aos

danos provocados pela geada cortando as árvores “pelas cruces” removendo as poucas folhas que tinham resistido à geada e atrasando, nalguns casos severamente, a recuperação das suas árvores.

Poda-se por razões estéticas. A maior parte do tempo que um podador leva a podar uma árvore é ocupado com preocupações estéticas, isto é, cortar e recortar pequenos ramos até conseguir que a árvore fique com



Imagens 8 e 9. Árvores podadas com grande cuidado com o aspeto visual final.

um determinado aspeto visual (Imagens 8 e 9). Assim, grande parte do tempo que um podador dedica a uma árvore não acrescenta em termos de qualidade de poda. A poda de uma árvore pode (e tem de) ser muito mais rápida do que o que acontece habitualmente. A poda estética tem um enquadramento histórico que se entende. No passado, a poda era efetuada por trabalhadores de alguma forma especializados e a sua “fama” de podador tinha de fato a ver com a qualidade estética com que as árvores que podava ficavam. No presente, uma poda demorada e com preocupações estéticas inviabiliza que se caminhe para uma desejada poda de ciclo anual devido aos tremendos custos que acarreta.

Não se poda para aumentar a produção. A poda pressupõe sempre uma perda por parte da árvore. Em condições normais não se consegue aumentar a produtividade do olival com a poda. Para se aumentar a produção do olival têm de se criar condições para que a árvore maximize a captação de fotoassimilados. Isso consegue-se com boa gestão do solo, fertilização, proteção fitossanitária, rega, etc., mas não com a poda. A poda efetua-se por objetivos diversos, como os que se descreveram anteriormente, mas não se efetua para aumentar a produção.

Como se deve podar?

Antes de se podar devem estar definidos objetivos. Na poda de formação só há um objetivo relevante: formar um tronco o mais direito possível no menor tempo possível. Toda a rama que se retire às jovens plantas atrasa o seu crescimento. A ponta do caule principal nunca deve ser removida até a árvore estar formada. A poda deve proteger o eixo principal (que vai ser o tronco) mantendo toda a rama que nele se encontra. Retiram-se eventualmente outros caules grossos que surjam, se estes competirem pela liderança com a caule principal. As ramos baixas e laterais que não competem pela li-

derança com o eixo principal devem, ser mantidas, pois favorecem o crescimento da planta e o engrossamento do caule principal (Imagens 10, 11, 12 e 13). Por vezes, quando se aplicam herbicidas na linha têm de se retirar as ramas baixas para se reduzir o risco de contato com o herbicida.



Imagens 10, 11, 12 e 13. Intervenções pouco acertadas na fase de formação de árvores jovens (em cima) e feitas com moderação (em baixo).

Em árvores adultas, a poda deve ser ligeira e se possível de carácter anual. Os podadores passariam no olival para ajustar a altura da árvore e retirar uma ou outra rama que permita uma ligeira abertura da copa e reduzir a carga potencial de frutos. Quanto menos rama se retirar melhor. Árvores pouco podadas não respondem com tantos ladrões, o que também reduz os custos na sua eliminação. Empiricamente pode recomendar-se que, numa breve estimativa visual, nunca se retire mais de 25% da rama presente na árvore (Imagens 14, 15 e 16). Se os podadores deixarem de ornamentar a poda, o número de árvores podadas ao dia pode aumentar significativamente, para que os olivais se possam podar todos os anos sem aumentar os custos.

Comentário final

Com a poda não se consegue aumentar a produção. A poda representa sempre uma perda para a árvore. As intervenções devem ser ligeiras, de forma a serem atin-



Imagens 14, 15 e 16. Árvores com intervenções desastradas (em cima) e podadas com algum critério (em baixo).

gidos alguns benefícios indiretos (facilitar a colheita, a poda dos anos seguintes, a transitabilidade dos equipamentos, etc.). Se a produção do olival for avaliada numa perspectiva de longo prazo, quanto mais intensas forem as intervenções de poda menor a produção acumulada. Assim, deve intervir-se o menos possível, e se possível com regularidade anual. Os retoques para melhorar a estética da árvore têm de ser abandonados. Se este paradigma for entendido por todos é possível podar os olivais todos os anos mantendo os custos da poda semelhantes ao que acontece atualmente com podas trienais. Na prática, num esquema de poda anual, o podador tem de entender que tem de podar três vezes mais árvores do que quando faz a poda tradicional de base trienal.

M. Ângelo Rodrigues; Rafael Cepeda; Delfim Pedro; João I. Lopes

Projecto financiado



Programa de Desenvolvimento Rural



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,
DO MAR, DO AMBIENTE
E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO



União Europeia

Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



Boletim Técnico nº 4 – Janeiro de 2014 – ISSN 2182-2778

Centro de Investigação de Montanha · Escola Superior Agrária de Bragança
Edição e Impressão: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança · 500 exemplares